Abelardo Montenegro

Órfão de mãe, educado por avó materna, fui um menino endiabrado, sem muito interesse pelo estudo, e gostando mais do convívio de meninos peraltas.

Depois de expulso do Colégio Cearense por indisciplina e incompatibilidade com um dos Irmãos Maristas, matriculou-me no Colégio Castelo Branco meu padrinho Augusto Fiúza Pequeno.

Lecionava, em 1928, História Universal, no Colégio de Sylla Ribeiro, o Dr. Eduardo Mota, cujas aulas me despertaram profundo amor à disciplina. A sua indicação de "Salammbo", de Flaubert, para melhor compreensão da civilização cartaginesa, obra a mim emprestada por Américo Gomes da Silva, colega de classe e de carteira, marcou decisivamente o meu interesse pelos estudos históricos.

No Ginásio do Crato, educandário fundado e dirigido pelo inesquecível padre Francisco de Assis Pita, a quem tanto devem o Ceará, o Nordeste e o Brasil, tive, em 1929 e 1930, como professor de História Universal e do Brasil o padre Antonio Gomes de Araújo, e como meu correspondente naquela cidade caririense o Dr. Irineu Pinheiro Nogueira. Esses dois historiógrafos, elucidadores do passado do Cariri, reforçaram o meu amor pela História.

Depois de ter sido um cearense da Diáspora e haver retornado definitivamente à terra-mater, não poderia manifestar, de modo mais eloqüente, o meu amor ao Ceará do que mergulhando em seu passado, num esforço de interpretação, por mais ambicioso que fosse o tentâmen. Foi esse amor profundo à gleba nativa que me deu forças para enfrentar as dificuldades, contra as quais, através do tempo, vêm verbe-

rando e lançando anátemas os que, entre nós, se dedicam aos estudos beletrísticos e científicos.

A esse amor expresso nos meus livros sobre o Ceará é que vós, senhores membros da Casa do Barão de Studart, quisestes homenagear, recebendo-me como um dos vossos. Amor à terra "que não é maior em canto nenhum do mundo", na avaliação do hemoglobinicamente cearense Herman Lima.

Não é só a fé que transpõe montanhas. O amor opera, também, milagres. É possível, portanto, que o amor entranhado ao torrão cearense me torne igual a vós na operosidade em prol do engrandecimento de nossa terra.

Ciência e sociedade não se localizam em compartimentos estanques. Os fenômenos sociais e científicos interpenetram-se. São indissociáveis como o sangue e o coração, em comparação já estabelecida.

O cientista está inserido no contexto social. Não se justifica mais o herói solitário, trancado em torre ebúrnea. Há uma corrente sanguínea fluindo entre o cientista e a sociedade. Cumpre-lhe explicar as forças sociais, as realidades. Não é se isolando que se mantém vivo, mas participando da vida social através de análises, contribuindo para a melhoria da sociedade por meio do exame sereno da etiologia dos problemas.

Deve estar o cientista qualificado moralmente e preparado cientificamente de modo a exercer a sua atividade sem mitificação, sem se subordinar a interesses subalternos, sem distorcer ideologicamente as suas pesquisas.

O prestígio do historiador ou historiógrafo, do cientista de modo geral depende de sua participação no desenvolvimento pela interpretação, pela rastreação dos valores constantes na formação social. De sua preocupação com a historicidade, não considerando, apenas, a mudança histórica, mas também a capacidade da sociedade de agir sobre ela própria (Alain Touraine). Para ressaltar o permanente, é preciso acompanhar a mudança, motivo por que a História mantém relações interdisciplinares, o que significa que o historiador não pode prescindir da sociologia, da antropologia, da geografia e da psicologia, entre outras.

Assim sendo, parafraseando Bonald, o historiador que se preocupa, apenas, com o registro de datas e fatos, assemelha-se ao navegante que deixa de lado o compasso e a bússola para levar consigo, unicamente, relações de viagens e diários de marinheiros.

Naturalmente que o historiador deve respeitar os fatos, já que são a medida da história, o orientador do raciocínio (Tristão de Ataíde). Mas, é preciso que esse registro se faça de tal modo que seja compreensível o desdobramento dos fatores que contribuíram para os acontecimentos. A história não é simples coleção de fatos. Essa seria a história dos historiadores, puramente eventualista (Emil James, *O Pensamento Econômico do Século* XX, Agir, 1959), t. 1, p. 111).

A história não prescinde das explicações causais dos fatos. Ao historiador compete utilizar aquele anzol cujaciano para pescar essas causas nas profundezas de fatos e eventos. Saber interpretar, compreendendo que a interpretação não tem caráter intemporal e que a história é incompatível com construções subjetivas.

História ou progresso é o dilema do urbanismo. A cidade é o lugar onde se dá a história. O crescimento urbano leva à destruição dos centros históricos. A imagem histórica da cidade não é idêntica à imagem turística (Gilles Plezy). Não se trata de simples preservação de monumentos históricos, de mero tombamento de patrimônio histórico. É a presença do homem, dos valores, o que importa, antes de tudo. É mais uma questão axiológica do que urbanística.

"Por meio de suas disponibilidades de armazenagem (prédios, porões, arquivos, monumentos, taboinhas, livros), a cidade tornou-se capaz de transmitir e aumentar essa herança", afirma Lewis Mumford (*A Cidade na História*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1965, v. 2, p. 720).

Entre a especulação imobiliária e a ressurreição da história, o importante é saber se o *espírito* do lugar é conservado ou não.

A tônica da preocupação com a Praça do Ferreira reside na sua densidade histórica, no seu *espírito,* já que é a sede do Ceará-Moleque. Não é só saber que naquele local se situava o Café onde Quintino Cunha, com os seus *repentes,* provocava gargalhada e desopilava fígados. O essencial é estudar esse molequismo, examinando as causas e a sua continuidade através do tempo. Trata-se da morfologia do comportamento do homem cearense.

O domínio da técnica não nos liberta da preocupação com o passado. Deve-se indagar a lição do passado, o legado que nos foi deixado, a herança cultural. Separar o mito da realidade, desmitificar e desmistificar. Descobrir o que está por trás dos eventos. Ao contrário de conservação de

dados, a história é processo de interpretação (Woodrow Wilson).

Na concepção de Ingenieros, há a história morta e a história viva. A primeira é um "olimpo de fetiches embalsamados", onde se sente "a podridão sublime dos museus". A segunda é uma escola de renovação, já que todo ponto do passado representa a reunião de homens que pretenderam demolir, transformar e construir, inspirando-se em ideais e paixões que formam uma movediça trama.

Ter o senso da História é representar o enfoque dinâmico das situações. Esse senso da História não é só o traço diferencial entre o bom e o mau economista, como afirma John Kenneth Galbraith, mas também o que caracteriza o bom historiador.

Parece ter assim compreendido o historiógrafo José Aurélio Câmara, saudoso membro desta Casa, quando, dividindo a historiografia cearense em três fases — descritiva, elucidativa e interpretativa, convocou este glorioso Instituto para a interpretação de nossa história. Mantendo viva a chama acesa por Rocha Lima, conclamou os Colombos do progresso a enfrentarem os embates das vagas, que é a história, ao navegarem no oceano de luz, que é a civilização.

Nessa conclamação, não há uma concepção estritamente paroquial da História. Há sadio regionalismo, em que a memória é posta a serviço da defesa do Ceará, revelando o historiador ou historiógrafo as peculiaridades, sem perder a visão do nacional e do universal.

Esse regionalismo não clama por volta às raízes como refúgio no passado, com medo de viver o presente e enfrentar o futuro. Não é pura nostalgia romântica, mas exaltação da pluralidade que, na definição de Octávio Paz, significa universalidade. Se a revolução do século XX é a ressurreição das particularidades de cada cultura, a cultura brasileira é formada pelas culturas regionais. Em cada região, o estudioso não estaria mais do que exalçando a diversidade em face da uniformidade.

O amor à terra natal tem sido o apanágio dos membros desta augusta Casa. Esse amor que explode na justa ufania e comovente porfia entre os romancistas cearenses para simbolizarem, com a personagem epônima, a própria terra cearense: Iracema, Luzia-Homem, Maria Rita, Luizinha, Camarema. Amor que leva Tristão de Alencar Araripe a escrever *História da Província do Ceará* em defesa do povo cearense, que não é "horda

de vândalos", mas "homens briosos" que se empenham sem medir sacrifícios em defesa da independência nacional. Amor que estimula os membros deste venerando Instituto a estudar o homem cearense, o "modesto cidadão cearense", que luta nas cidades e nos campos, na marinha e no sertão, enfrentando calamidades climáticas, numa máscula afirmação de bravura e resistência.

Amor à terra natal que não prescinde da justiça, já que o historiador, no dizer de Cícero, deve ser justo. A história viva, porém, ao contrário da história morta, não tem igual sanção para o mártir e para o verdugo, porque o patriotismo da posteridade não é o Jordão dos piores (Ingenieros).

Sucedendo a Joaquim Braga Montenegro, devo confessar que não fui um de seus íntimos amigos, apesar de nosso relacionamento cordial.

A leitura de seus livros, o conhecimento de episódios de sua vida e o depoimento de seus amigos mais estreitamente a ele ligados permitem-me, entretanto, situá-lo no contexto da literatura cearense, assim como compreender o valor de sua contribuição.

À luz da psicologia individual de Adler, procurou Braga Montenegro superar o complexo de inferioridade, atingindo uma condição de plenitude social, utilizando-se da literatura como um dos meios de colimar o fim visado. Dava-lhe a literatura forças que o tornavam, de certo modo, um Quixote a lutar contra a falsificação e a contrafação.

"Franzino de corpo, pequeno de altura, dicção irregular, tocando à tartamudez", assim o daguerreotipa Raimundo Girão, ilustre membro desta Casa. Autodidata, nunca passou do curso primário, feito em Parangaba e Jereraú. Esforçou-se de tal maneira, que acabou por se transformar em contista, novelista, crítico literário, professor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará, conquistando prêmio literário da Academia Brasileira de Letras, ingressando nas duas entidades culturais mais prestigiosas do Ceará — Instituto do Ceará e Academia Cearense de Letras — e realizando brilhante carreira no Banco do Brasil.

Pela pureza linqüística e ânsia flaubertiana de perfeição, buscou superar deficiências, repetindo (respeitadas as devidas proporções) a façanha machadiana. Amando os clássicos, cultivando a estética, usando a férula da crítica na defesa dos padrões estéticos tradicionais, era como se estivesse a corrigir as próprias assimetrias.

Os seus amigos mais íntimos são unânimes em afirmar que, dentro de seu rigorismo estético, não fazia concessões a ninguém. Apegou-se à literatura "com aflição e fé para o preenchimento de seu longo e largo vazio existencial, de sua profunda solidão interior" (Carta a Sânzio de Azevedo, *O Povo*, edição de 16-12-1979).

Tímido, reservado de índole, era um prevenido contra a vida pelas rudezas sofridas. Daí certo sentido de tragédia que se lobriga em sua obra, o que levou Tristão de Ataíde e Otto Maria Carpeaux a afirmarem que tinha ele possibilidades de realizar um grande romance trágico.

O exercício das atividades literárias não conseguiu vencer-lhe a timidez. O astrônomo torna-se cada vez mais tímido e humilde à proporção que conhece a vastidão do universo. O crítico, da mesma maneira, sente as suas limitações à proporção que vai desvendando o cosmo dos gigantes literários.

Ele mesmo explica que não tinha a sofreguidão de publicar, só vindo a lançar o seu primeiro livro quando beirava os 40 anos de idade. É que duvidava do mérito de tudo o que escrevia, levando em conta que estava a aprender diariamente no convívio dos mestres, a submeter a uma constante revisão os conceitos e juízos sobre linguagem, estilo e estética.

Os sofrimentos, os profundos golpes recebidos na sua travessia por esta vida, não conseguiram afetar a sua fidelidade à estética.

Não concebia a literatura como instrumento de propaganda. Considerava-a uma bela arte suscetível, apenas, de abordagem estética. E a chave significativa do mérito estético repousa na estrutura e manipulação da linguagem e na qualidade da imaginação que essa estrutura revela. Com Elliot, por isso, ele se preocupava mais com a obra do que com o autor.

História literária e crítica literária não são hostis. A substância de uma é alimento de outra. A literatura é ato social. "A arte insulada é decadente quando tenta suprimir a consciência do fluxo comum da vida, o qual nos é tão necessário como o fluxo do sangue para o corpo", diz Holbrook Jackson (Cit., em Howard Munford Jones, *Teoria da história literária*, pág. 15, Lidador, Rio, 1965).

Sendo um crítico de linhagem estética, não se sentia bem entre os que pertenciam à família espiritual em que predomina a linhagem sociológica, para usar a terminologia de Wilson Martins.

Entre as duas pontas do dilema — julgar socialmente ou pesar esteticamente — preferia Braga Montenegro manter a neutralidade valorativa, abstendo-se de emitir juízo de valor social ou político. Defendia a solidão artística montaigniana, a não-participação. A azoriana emoção só experimentava ele em face de obra esteticamente perfeita. Com André Gide e Oscar Wilde, asseverava que ao artista não cumpre provar nada. Sob o ângulo estético, o binômio homem-sociedade deve ser substituído por este outro: artista-solidão.

Apreciando a trindade Sílvio-Veríssimo-Araripe, não concordava com o "proselitismo arrogante" do primeiro, nem com a "gravidade pedagógica" do segundo. Para Braga Montenegro, a "competência técnica da sociologia nada tinha a ver com a literatura propriamente dita".

O seu modelo seria "o erudito bem ajustado à tradição clássica e melhor informado nas correntes de pensamento atual, a que não falte independência e arrojo no agitar os grandes problemas da literatura e, por isso mesmo, com a serenidade de um comparatista moderno, submete aos delineamentos de uma conjectura própria e assombroso temário de que é assunto o ensaio" (Braga Montenegro, "Araripe Júnior, Crítico. Alguns Aspectos", *Aspectos,* Fortaleza, (9): 69, 1976).

A preponderância quase absoluta da dimensão estética de sua crítica e a atrofia conseqüente da dimensão social obnubilavam, às vezes a sua visão. Eis por que não identificou em Araripe Júnior o pendor para a literatura de chalaça, pelo que se pode considerar a este um típico representante do molequismo cearense.

Cético, a leitura da obra machadiana deu-lhe "a faculdade de rir piedosamente da obstinação dos fanáticos". Pirandelo demonstrou-lhe o engano das convicções. Opunha, por isso, a aptidão para a dúvida à certeza do ideólogo. Seu mestre era o "Eça irônico, ático, humorista, profundamente identificado com os problemas da alma humana" (*Falas Acadêmicas,* Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1976, p. 240).

A vida humana é uma urdidura shakespeariana. O homem é o joguete das paixões dentro desse labirinto. Ao romancista, ao novelista e ao contista compete aproveitar, como material, as paixões desencadeadas, as ações e reações psíquicas, a própria vida utilizada de modo criador.

Sentia Braga Montenegro o fascínio pelos conflitos dalma, constituindo o ser humano veio aurífero inesgotável ca-

paz de estética exploração. Fazia reservas ao romance regional nordestino, que se havia transformado em tese sociológica, monografia sócio-econômica, embora reconhecesse que surgia no Nordeste agrário e pastoril em face da industrialização (*Correio Retardado,* II, p. 97).

Deve-se observar que, na década de 1930, exacerbou-se a questão social. Ocorreu a polarização ideológica. A sociologia tornou-se ciência supeita. Podia confundir-se facilmente sociologia com socialismo.

"O velho conceito naturalista de que a arte exprime a sociedade, agora, depois de atentas e demoradas experimentações, não mais tem significado senão através da interpretação psicanalítica..." (*Anais da Casa de Juvenal Galeno,* Fortaleza, Imprensa Oficial, 1958 t. 2, p. 113).

A alma humana, com seus dramas e tragédias, impressionou-o, mais do que as calamidades clímicas com o seu cortejo de misérias. Mais do que a Amazônia misteriosa, esta Amazônia que se formou à imagem do cearense da seringa, com o "ciclo imigrantista do cearense", na análise sociológica de Samuel Benchimol (*Amazônia: Um pouco antes e Além-Depois,* Manaus, 1977, p. 144-5).

Cearense da Diáspora, pagou Braga Montenegro o tributo da transumância. Mas, boa ovelha, voltou à procura dos velhos pastos. Chegou a Manaus, quando a borracha atingia a sua curva declinante mais acentuada. Retornou ao Ceará, quando o valor da borracha alcançava o ponto mais baixo.

Integrou o Grupo Clã, "produto não muito remoto do 1º Congresso de Poesia do Ceará", assinalado este "por um ardente desejo de divulgação dos valores intelectuais e artísticos da província, e pretendia, ao mesmo tempo, elevar as atividades que aqui se desenvolviam a um nível condicente com as realizações que se operavam paralelamente nos meios mais adiantados do país" (Braga Montenegro, *Correio Retardado,* II, Fortaleza, 1974, p. 56).

O Grupo Clã contou, inicialmente, com a participação de Fran Martins, Braga Montenegro, Mozart Soriano Aderaldo, Eduardo Campos, Moreira Campos, Joaquim Alves, João Clímaco Bezerra, Lúcia Martins, Stênio Lopes, Antonio Girão Barroso, Otacílio Colares, Artur Eduardo Benevides e Aluísio Medeiros.

Levando em conta a transitoriedade dos movimentos literários cearenses, é confortador registrar que o Grupo Clã

continua impavidamente a atuar, enriquecendo as letras, polimorficamente. E a nossa admiração será maior se encararmos que as atividades literárias se desenvolvem numa área de prevalente imagística antiintelectual, de impiedosa ridicularização dos que se dedicam a "cousa sem futuro, que nada rende", na definição do filisteu ovante.

Vida realizada é a concretização de um sonho. Esse sonho pode ter sido afagado na mocidade e concretizado na idade madura ou na velhice. O importante é materializar o sonho, prosseguindo com trabalho profícuo em benefício da comunidade. Procedendo "como a águia que se embala na mesma coluna de ar e descansa um instante para depois erguer mais arrojado o seu vôo para o céu" (Camilo Castelo Branco). É esse o comportamento do homem, mesmo que "a passageira vida vede dilatadas esperanças" (Horácio). E isso porque se começa a morrer quando se deixa de ter aspirações (Alberto Torres).

Bayard concebia a glória como a luta até a morte em frente do inimigo. Os espartanos nunca perguntavam quantos eram os inimigos, mas só onde é que eles estavam. Concito-vos, conspícuos membros da Casa do Barão de Studart, a conceberdes a glória como a interpretação de nossa história. Se um povo não vive só do produto de seu solo e deve tirar de suas tradições o ideal de sua força e de sua continuidade, compete ao historiador e ao historiógrafo serem os sacerdotes desse ritual. Não se deve, todavia, deixar-se atrair pela "poesia enganadora do passado", nem soterrar pelos "escombros do passado". Mas, identificar as raízes e acompanhar a linfa que vai vivificar o futuro através dos condutos do presente.

Não precisamos, apenas, de augusto silêncio de recolhimento para melhor escutar os mortos que falam, mas também para sonhar com os pósteros, agindo contrariamente aos bilaquianos imitadores dos *mutuyús* que, para serem bem sucedidos, tinham que fugir do futuro.

Ao me receberdes como membro deste colendo Instituto, pretendo seguir o exemplo e continuar a obra dos que já desapareceram biologicamente. Parafraseando Monteiro Lobato, posso dizer que as investigações deles constituem uma ponta de fio que diz: Aqui parei: toma a ponta e continua.

Interpretar para transformar sem afetar os valores regionais perenes. Interpretar para conscientizar-se das necessida-

des. Só assim não se esquece facilmente o passado, pois, se isso ocorresse, seria a perda da liberdade (Michelet).

Até a religiosidade autêntica não se satisfaz em interpretar o mundo, permanecer na teoria pura. Quer transformá-lo com a visão de uma realidade redentora (Walter Rehfeld).

Amando o Ceará como vós amais, é natural que desejasse ser um dos vossos pares, pois, ao vosso lado, poderia continuar a servir a nossa terra no campo de minhas preferências científicas e na medida de minhas possibilidades intelectuais.

Por assim compreender, é que o meu amigo e colega e ilustre membro desta Casa — Mozart Soriano Aderaldo — constituiu-se voluntariamente em paraninfo de minha candidatura, encontrando a vossa simpatia intelectual e a vossa generosidade crítica.

Alegro-me que tenha sido ele a agir tão munificentemente em relação a mim. É que, descendendo de família de Mombaça, me lembra todo um passado, no qual posso perfeitamente fixar um dos pontos altos da formação de meu caráter e de minha fidelidade regional.

Sertões de Mombaça, banhados pelo Banabuiu, cuja saga Francisco Alves de Andrade Castro, ínclito membro deste Instituto, cantou "com olhos de menino, querendo ir com ele rolando para o mar".

Foi em Maria Pereira, hoje Mombaça, onde iniciei a minha vida profissional de advogado depois de formado. Em Senador Pompeu e Mombaça, respectivamente sede e termo da comarca da qual meu pai era Juiz de Direito, senti, pela primeira vez, a força da terra cearense. Ali conheci o Ceará no milagre clorofiliano da quadra invernosa e no colapso florístico da caatinga e desolação do sertão durante a seca. Naquela área central do Estado, fui despertado pelos gritantes problemas sem cuja solução jamais se realizará a redenção do homem cearense.

Ao entardecer, em Senador Pompeu, em cadeiras na calçada, ao lado de meu pai, cuja figura austera evoco nesta hora significativa, aguardávmos a chegada do vento aracati para o clássico refrigério. Partindo do mar rumo ao sertão, nesse roteiro sólido, no sussurro que fazia ao levantar a poeira da rua, como que repetia as palavras de uma das personagens da jaguaribana Emília de Freitas: "Não troco a minha terra por nenhuma outra".

Assim, tudo converge para entoar o hino de amor à nossa terra. É por isso que vos agradeço a oportunidade que me destes de, ao vosso lado, nesta Casa de gloriosas tradições, elucidar e interpretar a nossa história para que coevos e pósteros possam preparar e transformar a terra e o homem cearense, a fim de melhor contribuírem em prol da grandeza nacional.